



TÁBUA

GLIFOS

CIOSA É A TERRA

A CASA

SOBRE ROCHA

I	II	III	IV	V
VI	VII	VIII	IX	X
XI	XII	XIII	XIV	XV
XVI	XVII			

GLIFOS

PARA ALÉM FRONTEIRAS

DEDICATÓRIA

LETRAS FLUMINENSES - 1989

Orelhas do livro

Escrito entre 1977 e 1987 - este livro - A CASA - foi impresso em maio de 1989 pela Gráfica Falcão Ltda, Rua Saldanha Marinho, 219 - Niterói, RJ

ET LA MAISON DURAIT,
SOUS LES ARBRES À PLUMES.
Saint-John Perse
POUR FÊTER UNE ENFANCE

GLIFOS

CIOSA É A TERRA DE SEUS DONS

EI! ANTES DE CORTAR A HASTE ESPERA QUE A ABELHA SUGUE

HÁ COISAS TRISTES, POUCAS COMO UM NINHO DESERTADO

O REINO VEGETAL INTEIRO REJUBILA NA VERTICALIDADE DA PALMEIRA

AS ESTRADAS FEITAS PELA MÁQUINA SÃO LINEARES, OS
CAMINHOS ABERTOS PELO PÉ DESCREVEM CÍRCULOS

A ÁRVORE MORRE DE PÉ, O ANIMAL RECOLHE-SE, O
HOMEM ESPETACULIZA A MORTE

NEM O PALÁCIO NEM A CABANA; A CASA CAIADA ONDE ENTRA O SOL

DEIXA QUE TEU PÉ DESCALÇO SINTA A TERRA NUA

I

Sobre rocha,

não sobre argila, ergue-se a casa. Feita pelo homem, não feita pelo homem; a irromper com a naturalidade do fruto ou da fonte.

As empenas deu-as a terra, o telhado deu-o a terra, janelas e portas de comunicar com o mundo, são dádivas da terra. Sobre rocha, não sobre argila.

E o homem – herdeiro e empreendedor – nela assiste com os seus.

Todo homem devia construir sua casa.

Com as próprias mãos.

O chão de-direito lhe pertence. (Um pouco basta para fundar). Na força e no entusiasmo de seus melhores dias, devia o homem sonhá-la e construí-la.

II

No tronco a mensagem –

MILHOMENS & PARENTELA

Que estas encostas
árvores e tetos
Não separem, sejam
para darmos as mãos.

É o bom vizinho, no fasto augúrio da hora certa.

Ramos enflorados!

Cortados pelas adjacências e fincados na cumieira, à junção das duas-
águas.

Coroamento da obra. Cordialidade patrão-operário.

III

*COMPACTA ALVENARIA
BRITA ARGAMASSA CAL
NO SOLO ONDE SÓLIDA
ENGENHARIA A ASSENTA
E EM VOLUME CRESCE
A CASA É ASA E VOA:
LIVRE DA GRAVIDADE
LUMINOSA HARMONIA
O NÚMERO A SUSTÉM
DA PURA GEOMETRIA*

IV

Azul e branco.

Azul e branco,

presença criando o seu entorno: asa fechada, promessa de ócio, de sono e mais sonho, lugar situado. – Sem muros.

Lá, da coroa sob o dossel da mataria

montanha abaixo

a água vem decantar no oco da cisterna.

Tempo das chuvas, admite a cor castanha.

De-novo à outra manhã entorna em límpida voz e transparência. Se oferta, – potável.

V

As coisas, fazem-se bem.

Não esquecer o sal!

Os bichos domésticos – o Gato e o Cão estes não gostam de mudar: comensais do homem cheiram, esquadrinham, enrodilham-se. Não burlarão o imperialismo da velha Expedita, amanhã cedo os fará assumirem seus lugares em demarcado território.

No purgatório das quinquilharias

enquanto a nova ordem não se estabelece, que aguardem a vez de entronizados as samambaias da idade do mundo, os retratos contra a parede, e o relógio.

VI

No atril, a jovem Penélope pousou aberto o LIVRO.

Milhomens cofia a barba negra, afasta a fita, e vai a um texto que ele sabe –

A MULHER VIRTUOSA, QUEM A PODE ENCONTRAR?
PORQUE A SUA VALIA MUITO EXCEDE A DOS CORAIS

É COMO OS NAVIOS DO NEGOCIANTE,
DE LONGE TRAZ O SEU PÃO

TAMBÉM SE LEVANTA QUANDO ESTAVA ESCURO,
DÁ MANTIMENTO À CASA, E ÀS SERVAS A TAREFA

ABRE A BOCA COM SABEDORIA;
A INSTRUÇÃO AMÁVEL ESTÁ NA SUA LÍNGUA

SEUS FILHOS LEVANTAM-SE E A CHAMAM BEM-AVENTURADA,
TAMBÉM SEU MARIDO A LOUVA, DIZENDO:

(Penélope entra; Milhomens lê em voz alta) –

MUITAS FILHAS TÊM PROCEDIDO VIRTUOSAMENTE, PORÉM TU A TODAS
SOBREPUJAS

Um homem & uma mulher saem abraçados.

VII

O vento enfuna os vestidos coloridos da esposa, a de grácil porte e cintura estreita. Quando sopra mais forte, os panos drapejam, fazem por libertar-se.

A diligência com que foram pegados a secar é mais forte do que a ventania – nenhum se desgarra.

De ver o branco limpo que o anil apronta nos panos.

Sopra o vento.

O vento sopra sem uma dobra.

O homem reveste os vestidos embalonados com o corpo da mulher.

Inflorescência ereta!

que evesm sorrindo para ele.

VIII

Ali foi gerado
Ali nasceu,
Ali deu os primeiros passos,
Ali – depois – descobriu o corpo.

De réptil, de gritador, de grimpador, golfinho inteligente, pássaro. Agudo olhar para o pequenino: a formiga, o grão no chão, a migalha. Tudo e nada; entre brinquedos e tombos, é um projeto de *homo sapiens*. Rodeado de cuidados e lãs, de intimidade e calor rodeado, o infante cresce.

É o primogênito,
É o Filho.

IX

O ir-e-vir da mãe.

O pai. De livro sempre ou ferramenta.

As coisas. O prazer de apontar e nomeá-las.

E vê chegar as irmãs

Seu sangue.

Com elas cresce. Em grupo conhecem o júbilo de olhar, de ouvir, de acariciar.

De abrir os braços, tanto espaço; e dizer: – EU!

Pinóquios, disputam o livro-de-imagens e a maçã, pugnam belicosos – os irmãos; na arena da praça são uma muralha só.

X

A casa intimidou.

Arma-se a fogueira. Ardem belas brasas, pirilampam rubro-negras
fagulhas pelo ar.

Pelo ar noturno ressoante, estridência de balalaica no chalé de madeira.

Longas são as horas para os que esperam?

Maior a alegria deles – irmão irmãs – e o universo: tudo tem e cada
objeto o tamanho dos desejos!

Existir – que maravilha!

Cada hora, ah! é uma hora novíssima, a esperança dentro.

E a casa – arca de doçuras – navega na tormenta.

XI

Um dia chega a hora de plantar o cinamomo.

O Sr. Milhomens:

“– Hã de chorar por ela os cinamomos...”

“– O quê, pai?”

Um senhor diz que as curvas dos fios elétricos se chamam *catenárias*.

Nos fios pousam anus; pequenos viajantes repetem: catenárias!
Catenárias!

Os primos não sabem que fazer para agradar.

Mas o melhor de tudo é o Mar! Oh o mar, mistério entrevisto de-noite, do apartamento; de-manhã tocado, mergulhado, chão verde onde o sol acende as maravilhas das ondas – o Mar de leitura muda.

XII

Uma noite é a morte do Avô.

Rompendo a trama do cotidiano, o acontecimento desoculta a verdade da impermanência.

O velho pede água.

Depois, que lhe acomodem o travesseiro, e acaba-se na dor de-madrugada.

Jaz;

Por umas horas a corporeidade horizontal jaz na sala onde os móveis foram arredados para compor o cenário.

As adolescentes em lágrimas circulam.

O irmão, no canto da copa, procura entender, não entende: só aquela ausência e estranheza e o cheiro dos cravos do defunto. Mas sente que de-repente dentro dele algo obscuro germinou.

XIII

As irmãs

São entusiastas e belas de corpo, as irmãs.

Dianas caçadoras.

Cujo orgulho do sexo ó proclamar: "Na casa de meus pais."

E o pai vê a esposa remoçar nas jovens filhas; e a mãe encontra o marido moço no filho, e o beija.

Ah, seguem à frente, vaidosas dos seios nascentes. *Sabem.*

Vão com as mãos direto aos objetos.

A mais velha declara que será bailarina, a caçula, no colo da Avó, confessa a vocação para carmelita.

(O rapaz, só um bem o motiva: a poesia; ouve as falas e recalca em segredo).

XIV

Dez.

Quinze.

Vinte e alguns anos - o tempo é o tempo.

Só o pêndulo - pra cá, pra lá - do velho relógio ignora
e o vai partindo em segundos,
vacilante ouro.

As estações e os dias marcaram a passagem.

Arredondaram-se as copas, o cinamomo engrossou,
multiplicou os círculos o caule da palmeira.

Outras asas agora na platibanda.

E esses grilos pelos desvãos...
são outros esses grilos.

O negro asfalto urbanizou a rua.

XV

As têmperas do Sr. Milhomens e os cabelos da Sra. Penélope grisalham. Quando, inda ontem eram pretos! *Outro* podava as roseiras e *outra* se inclinava entre pérgulas. Então no espelho ele e ela refletiam movimentos de uma urgência que não refletem hoje.

Senhor!

na mesa grande há pão e vinho.

Há fala e risos.

Há diálogos entre livros, de passo que de admirados os deuses afinam o ouvido: escutam e aquiescem.

Observarei que é isto ser-feliz.

XVI

Estranhas – imprevisíveis são as vias.

A carmelita descalça...viaja pelo estrangeiro, volta, torna a partir
festejada na TV e revistas.

É bailarina.

A bailarina, noviça carmelita. Vive no Sul, Irmã Maria Eudoxia de Santa
Tereza, *o.c.d.*

Presente em cartas semestrais.

Só ele, o sonhador antigo, prossegue fiel. Já não oculta os poemas,
publica-os.

E ouve os amigos dizer deles.

XVII

O ar em liberdade vibra no espaço seco.

Meio-dia.

A luz espalma na fachada recortando a velha data, estilhaça o brilho nos vidros

E A CASA PERDURA,
SOB ÁRVORES E MEMÓRIA.

GLIFOS

ORA, NÃO PERCAS TEMPO A DESAMAR

PARA O ATENTO TUDO É POROSO

TRABALHO CONSTRÓI, O ÓCIO CRIA

PERMITE QUE O MITO, ESSA FRANQUIA, TE NUTRA OS OSSOS

NÃO, NÃO PERGUNTES PELOS DEUSES

HÁ QUE FORÇAR AS CEM PORTAS DE BRONZE

ISSO: LEVA-TE ATÉ O SOLO PERMEÁVEL DOS CONFINS

PARA ALÉM FRONTEIRAS, – ATÉ A ORIGEM

DEDICATÓRIA

A CASA

é dedicado

àqueles que em sua hora
são meninas e meninos com

ANDREA

BERNARDO

&

AUGUSTO

ORELHAS

Desta vez é A CASA.

Antes e depois do tema central, há uns glifos, que ambientam aquele que lê.

Este livro faz pendant com CLAREIRA (1986), poesia ao ar livre. No verde de agora, eis a casa: resumo do universo, do ser-do-homem no mundo. Tempo e presença lhe dão uma alma.

Aquilo de Hölderlin: "Mas em choupanas vive o homem, e cobre-se de vestes pudicas, porque é mais íntimo, mais atento também, e o seu entendimento é que ele conserve o espírito, como a sacerdotisa a chama celeste. E por isso foi dado a ele, ao homem semelhante aos deuses, o mais perigoso dos bens, a língua, para que regressando à eternamente viva Mestra e Mãe, dê testemunho do que é."

Sim, para tudo isso é a casa. A que você, eu, todos queremos acoite, gasalhe e sobrevida.

"Fico pensando - me escreve Luiz Sampson, um amigo - vocês escritores, trabalham para nós, embelezam e enriquecem o mundo para nós. Recebemos todo dia essas oferendas, e é só colher. E não é só beleza, sabedoria também."

Um testemunho. Cabe ao escritor colocar-se a tal altura; arte como beleza e conhecimento. Quanto a este livro o assunto vem em segundo lugar. A temática das obras não é o eterno lugar-comum? Dele, aqui só o indispensável. Em primeiro, em primeiríssimo lugar, o Autor preocupou-se com a recriação pela palavra.

XAVIER PLACER